

O DISCURSO SOBRE O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA

¹João Paulo de Oliveira

Mestrando/UEMS

Resumo:

O presente artigo possui como objetivo geral analisar a representação discursiva que o Professor de Língua Portuguesa possui de suas práticas, quanto ao uso das novas tecnologias na escola. Desta forma analisaremos os discursos dos Professores de Língua Portuguesa do ensino médio das escolas Estaduais do Município de Alto Araguaia-MT. Nesta premissa, este artigo, apresenta análises referente a representação discursiva da imagem que os Professores de Língua Portuguesa sobre o ensino e os usos das novas tecnologias em sala de aula. Utilizaremos como metodologia de pesquisa a Análise de Discurso, conduzindo o professor como “sujeito” e tornando seu “discurso” como “corpus” desta pesquisa.

Palavras chaves: Discurso, professor e tecnologias.

1. Introdução

Como sabemos a escola ao longo dos anos configurou-se como espaço de excelência ao que se refere aos estudos discursivos. Isto, deve-se às diferentes correntes teóricas que emergem neste “espaço discursivo” (Pecheux,2009), causando uma certa tensão discursiva entre os “sujeitos” (Pecheux,2009) que emergem ditos que relacionam a perceptivas de ensino, métodos, didática, instrumentos de ensino entre outros.

Observamos, que após a revolução tecnológica que iniciou depois da década de 60 do século passado, houve um grande interesse da sociedade quanto ao uso dessas tecnologias (computadores, notebook, tabletes, celulares...) que além de trazer informações instantâneas de notícias de esportes, economia, gastronomia, entretenimento contribui também para educação principalmente do ensino de língua (neste caso Língua Portuguesa) através de *software* ou aplicativos em celulares e *tabletes*.

Deste modo, este artigo propõe uma breve discussão no que se refere o uso das novas tecnologias como instrumento de trabalho para o professor em sala de aula. Sabemos, que com a chegada

¹ Este artigo foi elabora para aproveitamento da disciplina de Analise de Discurso, ministrada pelo Prof.Dr.Marlon Leal Rodrigues.

deste instrumento neste espaço discursivo, no primeiro momento, causou um receio entre os sujeitos quanto a utilização das tecnologias como aparato metodológico de ensino. Este receio ou resistência pode estar ligado ao despreparo do professor para utilizar este aparato tecnológico. Este processo constitutivo do professor provavelmente tem relação com aquela que considera a escola apenas como espaço de produção através de seu trabalho. Deste modo a identidade do professor parece ser constituída ao longo do tempo mediante espaços discursivos desses sujeitos. Estes espaços por sua vez, imputa a estes sujeitos uma determinada função que provavelmente possibilita que essas funções decomponham em possibilidades metodológicas utilizadas em sala de aula.

Por isto é necessário a utilização de uma teoria que possa tratar o professor como “sujeito”, no qual, de acordo com Orlandi: “é interpelado em sujeito pela ideologia para que ele produza seu dizer” (ORLANDI, 2013, p. 46). Desta forma, poderemos compreender como o professor constitui como “sujeito” em seu discurso determina espaço discursivo que é a escola.

Assim, tomaremos como base teórica neste artigo a Análise de Discurso de linha francesa que tem como fundador Michel Pêcheux tendo como principal representante no Brasil, Eni P. Orlandi. E neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a representação discursiva do Professor de Língua Portuguesa, e identificar os discursos de identidade que o constituem. Segundo Orlandi (2013, p. 16), “os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da linguística

2. Objeto geral

Analisar o discurso do Professor de Língua Portuguesa identificando a representação discursiva que ele possui sobre o uso das novas tecnologias em sala de aula que de certa forma causa uma tenção discursiva no que se refere suas práticas dentro da sala de aula.

2.1 Objetivos específicos

- a) Analisar o discurso do professor procurando identificar a imagem que professor de língua portuguesa possui sobre o usos das novas tecnologia em sala de aula;
- b) Analisar como se constitui ideologicamente os discursos do professor quanto o uso das novas tecnologias em sala de aula;

3. Corpus

O ²*corpus* desta pesquisa se constitui a partir de um questionário, submetido aos professores do Município de Alto Araguaia, para serem analisados os discursos indenitários acerca do professor de língua portuguesa no que tange a sua formação acadêmica e o uso das novas tecnologia como instrumento de ensino na sala de aula.

4. Metodologia

Segundo Orlandi, a análise de um discurso, inicia-se a partir da compreensão do discurso quanto ele, objeto simbólico produzindo sentidos. Sendo que em primeiro plano observamos, Orlandi (2013p,66) a “transformação da superfície linguística em um objeto discursivo”, objeto este, que já foi definido pelo fato que o *corpus* já segundo Orlandi (2013p,65) ” recebeu um primeiro tratamento análise superficial”.

Deste modo, ao lançarmos nosso olhar no objeto, nos deparamos com diversos problemas que fizeram tematizar todo o trabalho. A escolha de um método para pesquisa neste processo, tornounosso trabalho como analista (falando em nosso trabalho que a na Análise de Discurso) menos complicada se pensarmos na questão do segmento que serão apontados através do método escolhido por nós (analistas).

Algumas questões são levantadas diante deste processo de escolha do método, em que desloca o pesquisador de uma posição empírica para uma posição neutra. Assim pressupomos que um pesquisador antes de iniciar seu trabalho tenha total ou considerável domínio do objeto a ser analisado.

Evidente, que nem toda pesquisa ou teoria, seja autônoma em sua construção metodológica, por este motivo faz-se necessário determinar a importância do objeto do estudo em questão, para que os resultados obtidos da pesquisa, não fique a deriva de leituras equivocadas.

Neste processo, podemos observar a existência de um laço entre a pesquisa e o processo metodológico acentuando o quanto é importante ao pesquisador quanto analista, o direcionamento neutro que irá recair sobre seu olhar durante a análise.

5. O computador: máquina tecnológica no ensino

² O corpus deste artigo faz parte da nossa pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Mestrado Acadêmico Letras, sobre a supervisão do Prof.Dr. Marlon Leal Rodrigues.

O computador revolucionou a nossa forma de ver o mundo após os anos 50 do século passado. Depois de muitos esforços intelectuais por parte de grandes cientistas, a informática evoluiu e continua evoluindo até nos dias de hoje. Apesar de ainda estarmos situados no início dessa evolução muito ainda temos que explorar sobre o usos dessas novas tecnologias (computador) ainda mais no âmbito do ensino. Segundo Marques o computar vem sendo usado nas escolas dos Estados Unidos desde do “início da década de 60” (Marques,2001, pg.7). Sendo que no primeiro momento (idem), os computadores eram utilizados apenas na divisão administrativas das escolas americanas, segundo mesmo autor a “utilização didática” (2001, pg.8) era mais restrita pois apresentava diversas dificuldades de aplicação na escola. No entanto durante a década de 80 o ensino pautado no uso do computador no sistema educacional dos Estados Unidos aumentou consideravelmente. Porém observamos segundo Marques (2001) que o governo EUA, pouco interviu no método em que a escola utilizava para ensinar através do microcomputador, se limitando apenas no financiamento dos equipamentos.

Durante este período vários pesquisadores se destacaram no desenvolvimento da utilização dos computadores nas escolas dos Estados Unidos. Entretanto, um dos pesquisadores que possui maior significância durante o período de desenvolvimento pedagógico com a utilização do computador podemos citar “Pappert” (Marques,2001, pg.8). Pappert, desenvolveu uma linguagem mais fácil para os jovens programarem computadores e aprender com mais facilidade conceitos de matemática e geometria. Outro país que se destacou também com a informatização nas escolas foi a França. Durante a década de 70 houveram diversos debates sobre o uso de computadores nas Universidades e escolas primarias. Debates que provavelmente pode ter sido grande contribuidor para o avanço na educação utilizando esta nova ferramenta de trabalho (computador). Finalizando, no Brasil, os computadores começaram a ser inseridos nas década de 80 do século passado. Durante este período, poucas escolas possuíam acesso a esta ferramenta, cerca de quatro escolas segundo Margues. Poucas universidades possuíam pouco acesso aos computadores, universidades como: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) que manteve uma equipe de estudos da Linguagem (MARQUES,2001).

5.1 Computador instrumento de ensino.

Assim como qualquer outra profissão (pedreiro, advogado, medico...) o professor utiliza vários instrumentos para auxilia-lo na sala de aula. A lousa para expor o conteúdo programado para o dia da

aula. Livros, de onde é retirado todo pressupostos para apresentação do conteúdo programado. Vídeos, que irão auxiliar a exposição de um determinado conteúdo através de documentário (Ex: primeira e segunda Guerras), ou até mesmo uma adaptação de uma obra literária no cinema) entre outros instrumentos. É neste sentido que a tecnologia está inserida, como instrumento de ensino. Através dos computadores.

No que tange o ensino e aprendizado, através deste novo instrumento, faz-se necessário uma relação entre o aluno e o professor para os aprimoramentos do ensino até mesmo para que este instrumento seja inserido em sala de aula sem que seja utilizado apenas para momentos de recreação.

A escola como compartilhador de conhecimento através dos computadores pode auxiliar o aprendizado do aluno, uma vez que na atual conjuntura os jovens estão mais ligados as tecnologias. Neste contexto o professor se desprendera de ferramentas utilizadas a décadas como instrumento de ensino possibilitando ao aluno certa autonomia em seu aprendizado.

Entretanto esta máquina (computador), chega na escola com grandes problemas, para serem debatidos no que se refere a utilização deste instrumento. Talvez a falta de interesse dos professores em utilizar esta ferramenta? A falta de habilidades para utilizar os computadores? O interesse dos alunos em utilizar este instrumento como recreação?

Pressupomos que estes questionamentos circulam entre os sujeitos que constituem este espaço. Gerando certa instabilidade no processo de significação deste novo instrumento de ensino nas escolas.

6. Análise de discurso: base teórica.

Na maioria das vezes a Linguística é apresentada como a ciência que estuda a linguagem. No entanto, existem diversas áreas que se interessam pela linguagem é o que nos faz perceber segundo Martelota a diferença que à entre a linguística e outras ciências em seu campo de estudo.

Neste contexto, é interessante desenvolvermos o conhecimento que possuímos entre dois conceitos a língua e a linguagem. Começaremos pela linguagem. É comum empregarmos o termo linguagem a qualquer forma de comunicarmos ou ainda:

para referir-se a qualquer processo de comunicação, como a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem das artes, a linguagem da sinalização(...). (...) constitui um

instrumento que possibilitam o processo de comunicação entre os membros de uma comunidade (MARTELOTA, 2015, P.17,18)

Se pensarmos no processo de comunicação por exemplo, podemos dizer que as línguas naturais (português, inglês ...), constituem-se como formas de linguagem. No entanto, a Linguística, se interessa pelo estudo da linguagem verbal.

Já o conceito de língua, segundo Tania, o interessante para Saussure, é que a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social (2001, p.23). E desta forma Saussure define a língua em oposição a fala, como objeto da linguística. Assim, Saussure define a língua: “Ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, 2006, p.17)

Já para Análise de Discurso, a compreensão da língua é trabalhada “enquanto simbólico” a constituição do “homem em sua história” (ORLANDI, 2013, p. 23). E por outro lado a Análise de Discurso “concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2013, p. 15)

Assim segundo Orlandi, o homem sempre foi seduzido pela linguagem, como os exemplos clássico dos pensadores da Grécia Antiga que travaram grandes discussões “para saber se as palavras imitam as coisas ou os nomes são dados por sua convenção” (ORLANDI, 2013, p. 8).

No entanto como já citado, foi com a criação da linguística por Fernand Saussure, que se começou a esclarecer para o homem os significados das manifestações da linguagem a partir do desenvolvimento do “círculo linguístico” (ORLANDI, 2013, p. 34).

E foi a parti do desenvolvimento da teoria saussuriana, que surge além da Análise de Discurso, outras áreas de pensamento como ciências: a Fonética, Linguística Aplicada, a Sociolinguística entre outras ciências, assim começou a instaurar uma nova forma no que se refere este contexto sociocultural e da comunidade de fala, examinando as condições em que a fala era produzida segundo Bortoni-Ricardo.

A análise de discurso de linha francesa que conhecemos hoje, surgem durante a década de 60 do século passado. Período marcado por diversas transformações políticas e crises econômicas. Época

também que fica marcada pela “Guerra fria”, e também pelo aparecimento de diversos movimentos sociais na França que defenderia as classes mais oprimidas da sociedade.

E foi durante os “anos 60 do século XX” (ORLANDI, 2013, p.17) que surge os estudos com a Análise do Discurso tendo como propulsores “Voloshinov e Pêcheux”, (TAFARELLO; RODRIGUES, 2013,p. 60). Tais práticas de análise tinham a princípio segundo Pêcheux, foco colocar em suspenso a interpretação, “já que todo fato já é uma interpretação” (PÊCHEUX, 2015, p. 44).

Deste modo, foi sobre o tripé multidisciplinar que a Análise de Discurso que conhecemos, se sustenta até nos dias atuais, assim sobre o domínio do Marxismo, Psicanálise e Linguística. Desta forma, a Análise de Discurso interroga a língua pela sua falta de transparência e “pressupõe o legado materialismo histórico” (ORLANDI, 2013, p.19) pela falta de conhecimento histórico do próprio homem assim a história também não é transparente ao homem e assim demarca o simbólico pela Psicanálise. Assim, que a Análise de Discurso trabalha, articulasse no entremeio dessas grandes áreas, quebrando paradigmas em sua constituição quanto ciência através de seu objeto que é o discurso segundo Orlandi.

Utilizando as palavras de Eni P. Orlandi: “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso de correr por, de movimento (...) é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa o homem falando” (ORLANDI, 2013, p. 15). Ainda usando mais uma definição dessa autora: “o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito” (ORLANDI, 2008, p. 56).

Desta forma, a noção de discurso, diferentemente do esquema de comunicação formada por emissor, receptor e mensagem, trata “apenas de transmissão de informação” (ORLANDI, 2013, p. 21) ao passo que o discurso para a Análise de Discurso está: “Realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso” (ORLANDI, 2013, p. 21). Portanto, para a Análise de Discurso, este, não é apenas um processo de comunicação: No funcionamento da linguagem que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (ORLANDI, 2013, p. 21).

A linguagem neste contexto está ligada na relação existente que há entre a linguagem na comunicação e na não comunicação e nesta relação entre sujeito-sentido-efeitos é que irá definir o discurso que segundo Pêcheux é efeito de sentidos entre interlocutores.

Já a noção de sujeito, outro conceito, complexo para a Análise de Discurso, e exigido, estudos filosóficos, sociais e ideológicos para poder compreendê-lo. Desta forma o indivíduo “é interpelado em sujeito pela ideologia para que ele produza seu dizer” (ORLANDI, 2012, p. 46). A “ideologia faz parte, ou melhor é a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2012, p. 46).

Nós como sujeito, temos a ilusão de nos sermos realmente a origem daquilo que produzimos é o que de certa forma diz Pêcheux, “sob a evidência de que “eu sou realmente eu””(PÊCHEUX, 2009, p. 146). Assim podemos categorizar aquele sujeito físico concreto sujeito jurídico. Pôr este motivo que a ideologia neste contexto da concepção do “sujeito”, nos dá as evidências de que nós não somos este sujeito jurídico, pois através deste todo complexo ideológico nos faz retomar em todo momento aquela forma que nos identificara na relação com outro através do processo discursivo

Por isso é necessário uma teoria que seja “materialista do discurso - uma teoria não subjetivista da subjetividade - em que possa trabalhar esse efeito de evidência dos sujeitos e dos sentidos (ORLANDI, 2012, p. 46).

Pensando que sempre se é sujeito e apagado como indivíduo pela interpelação da ideologia, pois é através desta interpelação que o sujeito fica submisso à língua, pode-se perceber que são essas evidências que dará “a realidade como sistema de significação percebidas, experimentadas” (ORLANDI, 2012, p. 47). Evidências essas que retomam os “esquecimentos”.

Portanto, concebendo a língua subjetivamente onde o sujeito não tem controle do que fala. Esta subjetividade é de significativa importância para a Análise de Discurso, já que é, por meio desta que, Michel Pêcheux extrai da tese de Althusser que “a ideologia interpela os indivíduos como sujeito” (ALTHUSSER, 1970, p. 93) e “Só existe ideologia para sujeitos concretos, e esta destinação da ideologia só é possível pelo sujeito: entenda-se, pela categoria de sujeito e pelo seu funcionamento.” (ALTHUSSER, 1970, p. 93). Desta forma, Althusser observa o sujeito concretamente, sendo que existe uma relação de assujeitamento entre a ideologia e o sujeito, sendo que este assujeitamento se dá através das instituições, as quais submetem às sociedades a divisão de classes.

7. O professor e a noção de trabalho através do computador.

Iniciaremos, nossa análise buscando compreender a noção de “trabalho” (A, B), nos discursos do professor no “espaço “onde estes “sujeitos” de forma institucionalizada proferem seu discurso de forma ideológica, expondo aspectos que ampliaram a forma de “trabalho” (A, B) através da tecnologia.

Neste contexto, o computador propicia ao professor certo conforto. Pressupomos isto porque o professor além do “livro didático” (A), pode realizar pesquisas através deste instrumento de “trabalho” (A, B) pela rede de “internet” (E). No entanto para que este “trabalho” (A, B) seja executado corretamente seria necessário que o professor tivesse condições de trabalho eficientes ou seja neste caso no uso das novas tecnologias uma “internet boa” (E) para que os “sujeitos” (PECHEUX,2009), possam cumprir sua função neste “espaço” (idem).

No entanto, o uso da internet pode proporcionar comodidade para os alunos. Entretanto, esta comodidade pode apresentar no seu interior uma quantidade conteúdos “perigosos” (G) que estariam prejudicando aprendizado dos alunos. Um dos exemplos clássicos é o “vício da escrita” (H). Porém o professor para controlar este problema entre outros neste “espaço” (escolar) pode articular o ensino entre estes dois instrumentos de trabalho o computador e o livro didático para proporcionar ao aluno uma aula mais atrativa no que se refere a exposição de conteúdo.

A	(14) “eu trabalho a língua portuguesa voltado para livro didático”(E1, Q14)
B	(31) “você pode trabalhar tanto a questão de didática...” (E2, Q14)
C	(67) “Ajudou muito né, hoje para a gente preparar a aula é muito mais fácil” (E4, Q14)
D	(70) “professor de português tem que achar bom”(E4, Q17)
E	(70) “tem internet boa” (E4, Q17)
F	(15) “que a internet proporciona pesquisa, o estudante esta com o mundo em suas mãos, tem acesso a muita coisa boa.” (E1, Q15)
G	(16) “porem tem outras que são muito perigosas” (E1, Q16)
H	(16) “e o vício na escrita” (E1, Q16)

8. Conclusão

A partir do que foi exposto, concluímos ao analisar os discursos dos Professores de Língua Portuguesa, a representação discursiva que, o professor faz dos espaços discursivos de onde estão inseridos, se por um lado, o uso da tecnologia como instrumento pode auxiliar o professor em sala de aula por outro, observamos que este mesmo instrumento pode vir prejudicar o aprendizado dos educandos. É o que observamos nos discursos A, B, G e H.

O que tenciona o discurso nesta abordagem, pressupomos que seria o da ordem institucionalizada, pois apesar do professor, mesmo possuindo uma nova ferramenta para trabalhar em sala de aula, ele ainda recorre ao “livro didático” (A). Assim, mesmo dizendo que trabalha, ou ainda que seu trabalho esteja envolvido com as novas tecnologias (computador) o professor apresenta certa resistência no uso desta nova ferramenta.

Neste contexto, o Professor de Língua Portuguesa não toma conta da sua própria história e nem mesmo de seus instrumentos de trabalho sendo que este instrumento faz parte da sua natureza que se dá através de uma perspectiva das práticas em sala de aula na atualidade. Neste caso, o que pressupomos, é, que estes sujeitos não possuem domínio da utilização deste instrumento. No entremeio dessa tensão, identificamos a “formação ideológica” (PÊCHEUX, 2009) desses sujeitos produzindo discursos que iram circular e retornar no mesmo dizível desta forma sendo da ordem “parafrástica”³. Diz que usa as novas tecnologias. No entanto recorre ao livro didático. Assim, os discursos caracterizam regras que estão estabelecidas nos regimes e normas que determinam as práticas desses sujeitos no espaço institucionalizado, que de certo modo caracterizam a sua formação ideológica institucional.

Referencias:

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença, 1970.

BORTONI – RICARDO, Stella Maris, **Manual de Sociolinguística**, São Paulo, Contexto, 2014.

MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2ª ed. 2015.

³Na “paráfrase” (Orlandi, 2013, pg.36) os sujeitos produzem discursos que retomam outros dizeres significando-os de várias formas mais produzindo os mesmos sentidos.



EDIÇÃO Nº 18 AGOSTO DE 2016
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/05/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2016

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso – princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes Editores, 11^a ed., 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso, uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Unicamp, 1995.

RODRIGUES, Marlon Leal, TAFARELLO, Paulo Cesar. Ideologia e Linguagem, *in* **Moralis**, Edileusa Gimenes. [et.all] (organizadores)- **Linguagem, comunicação e cultura** —Campinas, Editora RG,2013.

RODRIGUES, Marlon Leal (org.). **Linguagem identidade gênero história**. Rio de janeiro: Litteris ED.: Quártica Premium,2011.

SAUSSURE, Ferdinand de, **Curso de Linguística Geral**, 27^a ed., São Paulo, Editora Cultrix, 2006.

MARQUES, Cristina P.C.; MATTOS, M. Isabel L.de; LA TAILLE, Yves de. **Computador e ensino: uma aplicação à língua portuguesa**.2 ed. São Paulo: Ática,2001.